

E se a rua falasse?

Zaine Jaqueline de Oliveira Schenckel
zainejaqueline@gmail.com

Natália de Paiva Viana
ndpviana@gmail.com

Aline dos Santos Faleiro
alinefaleiro@ienh.com.br

(M.e) Ricardo Lugon Arcantes
ricardo.a@ienh.com.br

Resumo

Apresentamos a experiência de alunas de Psicologia, que, através de uma atividade da disciplina da Faculdade IENH, visitaram, durante um mês, o Jornal Boca de Rua, de Porto Alegre - RS. O jornal é formado por pessoas em situação de rua e tem o objetivo de promover a sua visibilidade social, além de gerar recursos para seus integrantes. O Boca de Rua é uma potente ferramenta de transformação social que possibilita a informação sobre seus direitos e a afirmação do seu potencial subjetivo. Através deste texto, buscamos relatar a realidade prática das Políticas Públicas, através das falas dos integrantes do jornal e sua posição em relação à desigualdade social e à estigmatização a que estão sujeitos.

Palavras-chave

Pessoas em situação de rua; Políticas Públicas; Desigualdade social.



1 Introdução

[...] Ainda vão me matar numa rua.

*Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade.*

Paulo Leminski

Se a rua falasse, o que ela contaria? Com seus cheiros, com seus sons, com o movimento nos nossos pés. Suas cores e formas. Tudo o que a rua mostra nos conta uma história. Essa história pode ser bonita e triste, colorida ou cinza, depende de como vamos olhar, ouvir e sentir. A rua fala.

Foi a partir da disciplina de Clínica Ampliada e Políticas Públicas, do curso de Psicologia da Faculdade IENH, que nos deparamos com a rua. A proposta da atividade era visitarmos um grupo, participarmos dele (não apenas observar e anotar), fazermos e sermos parte. De início, pensamos o quanto essa ideia de atividade seria difícil, pois não entendíamos como poderíamos fazer parte de um grupo tão rapidamente, sem a construção de um vínculo prévio ou algo do tipo. Pois bem, mesmo com receio de como seria, fomos em busca de um grupo no qual pudéssemos realizar a atividade proposta. Foi quando encontramos (ou fomos encontradas) o Jornal Boca de Rua. Após fazer contato com o Jornal, duas das alunas do grupo da disciplina “foram” do Boca. Após a nossa participação nesse grupo, deveríamos relatar nossa experiência sobre fazer parte do mesmo, e assim o fizemos.

Portanto, aqui, vai um relato do nosso jeito de olhar, escutar e sentir a rua ao visitar o Boca de Rua, um jornal criado e produzido, do início ao fim, por pessoas em situação de rua. A primeira edição do jornal foi lançada em 2001, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O Boca foi idealizado por duas jornalistas, Rosina Duarte e Clarinha Glock. Atualmente, o jornal funciona ao lado da ONG Alice¹, que também mantém o Boquinha, projeto atribuído aos filhos das pessoas em situação de rua. Mais de 150 pessoas passaram pelo Boca e cerca de 70 já deixaram de morar nas ruas. O trabalho e o envolvimento dos integrantes com o jornal proporcionam inúmeras experiências, entre elas, aprender a ler, a escrever e a lutar contra a invisibilidade.

O Boca existe há dezoito anos, e esse é nosso pequeno recorte sobre a experiência que tivemos quando “fomos” do Boca por um tempo. A gente diz que “foi” do Boca, porque fomos

¹ Organização Não Governamental Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação.



convidadas a ser. Chegamos lá com uma proposta de fazer um trabalho sobre eles, e eles nos disseram que tinham três regras ou condições para concordarem com a realização do trabalho: 1º) deveríamos ir, pelo menos, quatro vezes em suas reuniões de equipe; 2º) não iríamos apenas observar — para ser do Boca, tem que participar, então a gente deveria contribuir com o trabalho de alguma forma; e 3º) deveríamos apresentar nosso trabalho final para eles. A gente “topou” na hora. Sem hesitar. Com uma roda enorme de pessoas nos observando falar, com um misto de nervosismo, ansiedade, alívio e anseio pelo novo, tornamo-nos “do Boca”.

2 Conversando com a rua

O primeiro passo para nossa visita ao Boca foi nos encontrarmos no metrô de Novo Hamburgo, ao meio-dia das terças-feiras. Durante nosso percurso antes de chegar ao Boca, pegamos algumas vezes comemorando, se iríamos de metrô novo ou antigo (por causa do ar-condicionado). Já no metrô, deparamo-nos com a rua. Bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos de todas as maneiras, formas e jeitos que os seres humanos conseguem ser.

Vendedores entram e saem dos vagões. Um ligeiro assobio chama a nossa atenção para si. Percebemos a interação de um e a expressão irritada de outro. Eles vendem seus produtos. Dois meninos começam a cantar um rap melodioso, que fazem com palavras pegadas de cenas que eles veem na hora, entre os passageiros no metrô. Tiram sorrisos e algumas caretas dos viajantes. Sua música nos embala enquanto, sentadas no chão, falamos da preocupação com os trabalhos que temos por fazer e da expectativa de chegar em Porto Alegre. Nesse dia, conseguimos pegar o metrô com ar condicionado.

Porto Alegre parece grande e assustadora de longe, mas é só a porta do vagão abrir na estação Mercado que tudo fica mais calmo. O primeiro cheiro familiar que nos invade o nariz é de pão de queijo. Alguns passos mais e, agora, um cheiro muito forte de peixe nos indica o caminho. Pela rua, misturamo-nos no meio da diversidade de pessoas e situações de Porto Alegre. Ultrapassamos alguns executivos e o cheiro de lavanda adentra nossas narinas, destoando do cheiro de peixe de pouco tempo atrás. No meio de tanta diversidade, também nos saltaram aos olhos os jovens hare krishnas, evangelizando senhoras pelo caminho. No calçadão irregular, na famosa “Rua da Praia”, uma menina toca sua guitarra, fazendo da rua o seu palco. Dá vontade de parar para ver o show, mas devemos seguir, temos horário marcado. Às 14h30min começa a reunião e já estamos atrasadas para o primeiro dia. Mais alguns passos e encontramos um tocador de gaita, outro de violão, também fazendo da rua o palco deles. Junto dos músicos, temos, também, os pintores de paisagens, caricaturas, lajotas e até de



arroz (“COLOCO ATÉ 5 NOMES EM UM GRÃO DE ARROZ”, diz um pequeno cartaz feito de papelão), fazendo da rua uma exposição de arte.

Como boas turistas em Porto Alegre, mesmo com o GPS ligado, perdemo-nos. Dobramos em ruas erradas. Subimos e descemos uma lomba que sequer era necessária. Resolvemos pedir ajuda. Perguntamos para um velhinho se ele sabia o nome da rua que estávamos e se conhecia alguma escola ali por perto, e ele, sem saber nos informar, disse que ia perguntar pro “seu (um nome que não recordamos)”, dono do bar da esquina. Eles dizem que, por ali, não tem escola nenhuma (estávamos à procura da Escola de Porto Alegre, a EPA, onde, agora, acontecem as reuniões do Boca). Eles nos dizem que descendo a lomba tem uma escola. Agradecemos e seguimos, mas nenhum sinal de escola ainda.

Optamos pela direita e seguimos caminhando, encontramos dois homens conversando e perguntamos se eles sabiam onde ficava a EPA. Eles nos dizem que tem uma escola naquela rua, mas não sabem o nome. “Vocês vão caminhar bastante, sigam sempre reto após a curva, um pouco mais à frente do lado esquerdo da rua”. “Meninas!”, escutamos uma exclamação, olhamos e uma velhinha, que havia escutado a conversa, informa-nos, como quem avisa do perigo, “lá é uma escola de moradores de rua”. Nossas caras sorridentes e nossa fala de comemoração, “sim! É essa mesma que procuramos!”, deixam-na constrangida. Agradecemos e seguimos em frente.

Um mosaico bonito nos diz que chegamos na Escola de Porto Alegre. Passamos pelo portão aberto e sorrimos ao ver um lençol falando sobre resistência. Procuramos alguém para perguntar sobre o Boca de Rua, mas só escutamos barulho de aulas sendo ministradas. Olhamos para dentro de uma sala, encontramos uma mulher em um sono aparentemente leve e tranquilo, debruçada sobre a classe. Olhamos para outra sala, estava cheia de gente, pessoas em situação de rua, jovens com velhos, todos aprendendo. Uma equipe de reportagem de um jornal conhecido estava filmando, e pensamos como era legal que mais gente achava aquilo interessante e importante.

Seguimos na nossa busca pelo Boca de Rua. Perguntamos, até que alguém disse: “é lá no galpão, nos fundos”. Voltamos ao portão de entrada e dobramos à esquerda (deduzimos que “os fundos” eram para lá). Caminhamos por um pequeno trilho e chegamos a um jardim. Em frente, havia uma quadra de basquete; à direita, sob um chorão enorme, um “baita” grupo de pessoas, enorme mesmo, umas 30 pessoas. Estávamos atrasadas. Alguém dava os informes (os integrantes do Boca denominam de informes tudo o que eles possuem para comentar ou avisar antes de falarem das pautas levantadas para a reunião), e a gente ficou ali para trás, esperando que ninguém reparasse nossa forma deslocada e constrangida.

Mais tarde, descobrimos que a tolerância é sempre de quinze minutos, e que um deles marca o tempo dos atrasados. Quem falta três vezes não ganha jornal e tem que ir três vezes de novo para ganhar outra vez. Os jornais são feitos assim: eles pensam juntos nas pautas e matérias, reúnem-se em



pequenos grupos e pensam do que querem falar, sobre o que e como. O jornal é uma forma de eles terem voz, fazerem suas denúncias contra as Políticas Públicas planejadas por gente que não sabe da sua realidade. Eles entrevistam pessoas, pedem para falar com a prefeitura para ver a posição deles sobre temas que eles consideram importantes. Depois, voltam ao jardim e escrevem a matéria. Montam manchetes e textos. Desfazem e refazem de novo, até ficar do jeito que querem. Até falarem tudo o que eles querem. Eles problematizam as palavras estranhas e os assuntos que a pauta abrange. Acompanhamos a problematização sobre a palavra “usuários” dos serviços públicos, porque usuário, para eles, na rua, é quem usa droga, e quem usa droga é mal visto pela sociedade. Por isso, cada vez que chamam eles assim, sentem como se fosse um xingamento. Eles não usam o serviço, eles frequentam.

Para a Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004, a terminologia “usuário” está atrelada ao seu público-alvo, sendo este composto por pessoas em situações de vulnerabilidade e risco social, como a fragilização dos vínculos afetivos, a exclusão, a estigmatização e a pobreza (PNAS, 2005). Notavelmente, a problematização feita pelo Boca reflete uma crítica que pode ser destinada à Assistência Social, uma vez que ainda é designado, ao usuário ou, melhor, à pessoa que acessa os serviços socioassistenciais, um lugar de subalterno, sempre à margem da sociedade.

É o que refere Silva (2016) ao destacar que a Assistência Social necessita de uma mudança de paradigma, alterando a lógica de “se ocupar dos pobres” ou “dos menos favorecidos”, rompendo, assim, com práticas, muitas vezes, conservadoras e assistencialistas. Em uma passagem, Silva (2016) destaca que:

O despreço pela denominação “usuário” se dá até mesmo porque o uso do termo pode caracterizar a dependência em relação à busca pela Política de Assistência Social, em contraposição à busca de autonomia ou, até mesmo, trazer elementos que demonstram a visão de culpabilização dos sujeitos por essa condição de “usuário”, contraditoriamente à noção de busca por direitos. (SILVA, 2016, p. 294).

Outra questão de problematização que vimos no Boca é o alerta deles para com o termo “moradores de rua”. Sempre que alguém usa esse termo é corrigido imediatamente. Não foram nem uma nem duas vezes que vimos isso acontecer. Às vezes, em algumas apresentações de pessoas que iam até a reunião fazer convites ou fazer o pedido para participarem do Boca, surgia e/ou escapava esse termo por entre as palavras. Termo que, embora nem percebido por tal pessoa, era rapidamente corrigido por outras vinte. “Não é morador de rua! São pessoas em situação de rua!”. Transitando entre o visível e o invisível, o termo “pessoas em situação de rua” também procura superar as limitações de “moradores de rua”, de acordo com Pimenta (2019), sendo uma das formas possíveis de “entrar, ficar, estar, usar, reivindicar e, também, sair da rua”.



Cada um dos integrantes do Boca tem uma história de vida diferente, e eles nos contam, com orgulho, sobre seus filhos, seus irmãos, suas mães, seus pais. Mostram-nos fotos dos netos, contam-nos sobre a rua e sobre sair da rua. Partilham conosco filosofias incríveis, que nos deixam sem palavras para respostas. Sorrimos, agradecemos, sentamos no chão, perguntamos o nome de alguém. No início e no fim das reuniões, conseguimos ter esses minutos de intimidades. Eles sempre nos falam seus nomes completos e nos dizem do orgulho que sentem em fazer parte desse movimento, no qual eles têm voz e uma identidade. O Boca abre um caminho que os torna visíveis de novo. Faz a sociedade ver o que ela tanto tenta esconder. Em uma dessas conversas, um integrante do Boca nos fala: “enquanto você dormia, muita coisa acontecia”; “se você me dá dinheiro e não me dá atenção, isso me diz que você não é cidadão”; “você dormiu pensando nisso ou acordou?”. Tais falas são como um soco no estômago. Dói. Gera-nos angústia, vergonha e uma sensação de impotência diante de tanta desigualdade. É um soco no estômago necessário. Faz-nos realmente acordar e refletir. Em março de 2009, Augusto Boal escreveu uma carta em ocasião da Jornada Mundial de Teatro. Ele cita:

Quando olhamos para além das aparências, vemos opressores e oprimidos, em todas as etnias, classes e castas sociais; vemos um mundo injusto e cruel. Temos de inventar um outro mundo, pois sabemos que um outro mundo é possível. Mas toca a nós construí-lo, com nossas próprias mãos, entrando em cena, sobre os palcos e em nossas vidas. Somos todos atores: ser cidadão não significa viver em sociedade; significa mudar a sociedade. (BOAL, Augusto; 2009).

Boal caminha (nas ruas da cidade, pela sociedade e entre falas) junto do integrante do Boca, em direção à mesma questão. Eles nos fazem pensar sobre nosso lugar na sociedade e nosso papel de cidadão. O fato de você dar e/ou ter dinheiro ou não, não te torna mais “gente” e/ou cidadão que eu. Estar ali só por estar não significa estar. Você precisa realmente ver e transformar para fazer parte. Olhar sem enxergar não é ver. “Dormir pensando” significa que talvez você tenha se incomodado de alguma forma, mas não te afetou o suficiente para você acordar e agir.

O jornal do Boca é distribuído no fim da reunião. Nós ajudamos a contar, a escrever o nome para quem ainda não se alfabetizou. Contar jornal também é uma intimidade, se a gente (“Deus nos livre”) contar errado, eles ficam com menos jornais para vender. São trinta por semana: uma parte vai para a caixinha do Boca, outra parte fica com cada um. A gente conta o jornal, confere se tem trinta e avisa o nome de quem já recebeu. Na contagem, a gente conversa e se diverte; tem vontade de chorar, porque, às vezes, quem nos pede para contar os jornais nos conta um pouco de sua história, a sua versão da rua, que pode ser divertida, colorida, triste, cheia ou vazia.

Encostada no grande chorão do jardim, onde são feitas as reuniões do Boca, fica uma placa que diz: “E se essa rua fosse minha”. A gente chegou à conclusão de que aquelas ruas são do Boca, e não só aquelas de Porto Alegre, que a gente passa a caminho da EPA, e que nos assustavam no começo. Todas as ruas que eles quiserem são deles. E eles querem outras ruas. São convidados por



professores, universidades e empresas, de várias cidades diferentes, e eles vão compartilhar sua história, seus 18 anos de Boca, sua experiência de rua. Eles mesmos vão, só pedem a passagem e o lanche, e querem o direito de vender seu jornal, espalhar sua voz por onde têm oportunidade.

Direitos: é o que os integrantes do Boca buscam e lutam, promovendo, por meio do jornal, sua visibilidade, suas histórias e seus anseios; construindo, em decorrência da escrita e de sua transmissão, sua própria autonomia, fazendo deste compartilhar uma expressão de seus interesses e uma representatividade pública. Além disso, o Boca de Rua é formado por sujeitos, atores sociais, que acumulam e unem forças, produzindo conhecimento e novos olhares, com suas matérias e reflexões impressas no jornal — Forças estas que empoderam a expressão de suas necessidades, evidenciando os protagonistas desta ação.

Os integrantes do Boca são sujeitos políticos, agentes de mudança. Uma vez que as Políticas Públicas são planejadas por quem, muitas vezes, não compreende a real situação daqueles que vivem nas ruas, eles buscam políticas que sejam efetivas, sendo o jornal um meio de estabelecer contato com figuras e autoridades públicas, na busca por providências. Ao encontro disso, é possível pensarmos no Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), consolidado, em 2005, para enfrentar os riscos vividos na rua, a discriminação e a violação de direitos das pessoas em situação de rua. Este é um fato importante para a luta daqueles que habitam as ruas, uma vez que, em 2008, um dos representantes do MNPR integrou o Conselho Nacional de Assistência Social, contribuindo para a Política Nacional para a População em Situação de Rua (MNPR, 2010).

A Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua foi instituída em 2009 pelo decreto presidencial n.º 7053, tendo como objetivo garantir, à população de rua, o acesso às políticas, aos benefícios e aos programas públicos, visando ao enfrentamento do estigma da exclusão. Neste sentido, segundo a PNPR (BRASIL, 2008), a população em situação de rua se caracteriza como:

Um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento. (BRASIL, 2008, p. 9).

A PNPR procura assegurar que a população em situação de rua garanta seus direitos de participação social, igualdade, dignidade e respeito tanto à vida quanto à cidadania (BRASIL, 2019). Infelizmente, esses direitos não são garantidos pelas leis e políticas. Nesses órgãos oficiais e no papel timbrado das prefeituras, eles são bonitos e legítimos. Mas quem deve garantir esses direitos, fazê-los efetivos, são os trabalhadores dos serviços públicos assistenciais. A única forma de garantir direitos é essa. O problema está justamente nesse detalhe.



Em uma de nossas experiências mais marcantes no Boca, ouvimos uma discussão deles sobre uma recente entrevista que a atual Secretária de Desenvolvimento Social e do Esporte de Porto Alegre prestou a um jornal. Ela, que é uma dessas pessoas responsáveis por garantir direitos, disse:

Nós não vamos admitir uma cidade, uma praça que esteja cheia de morador de rua. É um lugar público e as pessoas não podem levar seus filhos, seus pets. Não têm condições de caminhar nem em uma calçada, porque uma pessoa se acha no direito de morar na rua. Eu tenho R\$ 1,8 milhão para investir em morador de rua que quer entrar no Mais Dignidade. Nós estamos oferecendo a oportunidade. Nós precisamos que essa pessoa também queira ou se adapte ao novo olhar de não assistencialismo barato, mas sim um assistencialismo que promova a independência das pessoas”. - Comandante Nádia Gerhard, secretária do Desenvolvimento Social e Esporte em Porto Alegre. (Fonte: GaúchaZH, em 11 de maio 2019).

Os ânimos estavam exaltados. Era uma terça chuvosa e, por isso, não pudemos nos reunir no jardim, sob o chorão. Estávamos acomodados dentro do galpão e todos falavam ao mesmo tempo. Indignados. Dentre as falas deles, ouvimos “de que forma eles acolhem?”; “tem vaga pra todo mundo de verdade?”; “FECHARAM O BANDEJÃO!”; “esse dinheiro que ela tá se gabando é nosso! Foi a gente que conseguiu!”; “se tivessem me oferecendo uma casa boa, eu iria morar!”; “só porque a gente tá rua tem que aceitar qualquer coisa? Contínuo na rua então”; “a vida de um cachorro vale mais que a nossa?”.

E, sim, pasmem. A Comandante Nadia estava se gabando de um recurso que foi conquistado através do MNPR. O movimento se organizou para que conseguissem um projeto, promovido pelo Governo Federal, que produzisse emprego e renda de acordo com a subjetividade e com os interesses de cada um.

Na data em que se buscava a aprovação do Fundo, a Secretaria Nacional de Economia Solidária concordou com a ideia do projeto e, ligada ao Ministério do Trabalho e Emprego, lançou o edital, que o CAMP (Centro de Assessoria Multiprofissional) foi qualificado a executar.

Certo. Existem recursos, mas para quem e conquistados por quem? Quem que se envolve e está implicado nessa luta? Desenvolvimento social para quem? O discurso democrático brada aos quatro ventos que o poder pertence ao povo. Será? Que povo? Ou é uma força/energia que atravessa toda criatura humana sem agente específico, sem hierarquia definida. O poder transformando cada olhar em uma peça para seu funcionamento global, desenhando, assim, a “rede dos olhares que se controlam uns aos outros” (FOUCAULT, 2013, p.165).

A partir das nossas visitas ao Boca, conseguimos, de certa forma, ouvir melhor o que a rua nos fala. Com rua, nesse momento, referimo-nos a sujeitos, lugares, Políticas Públicas e Privadas, vozes e silêncios. O Boca de Rua não usa a boca só para falar, ele grita e esbraveja. Ele expõe e critica. É para deixar desconfortável mesmo. O último aviso/a última fala que pegamos do Boca é “não se informe apenas pelo discurso oficial, conheça a realidade que está ao seu redor”. Assim, seguimos vendo,



ouvindo, sentindo a rua de um outro jeito, com outros olhos ou outras lentes, adquiridos nesse breve tempo que passamos com o Boca. Um olhar mais crítico e potente, que aprendemos ao ouvir e ler no Boca de Rua.

Referências

BOAL, Augusto. Carta “**Somos todos atores**” assinada em nome do Instituto Internacional do Teatro. Março, 2009.

BRASIL. **Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2008.

GAÚCHAZH. **Reportagem “Não vamos admitir uma praça que esteja cheia de morador de rua”**. Em 11 de maio de 2019.

GOVERNO DO BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Política Nacional para a População em Situação de Rua**, Brasília, [2019c]. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/politica-nacional-para-a-populacao-em-situacao-de-rua>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

MOVIMENTO NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA (MNPR): **CONHECER PARA LUTAR. Cartilha para formação política**. São Paulo: MNPR, 2010.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Pessoas em situação de rua em Porto Alegre: Processos de estigmatização e invisibilidade social. **Civitas**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 82-104, jan.-abr. 2019.

POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – PNAS/ 2004. **Resolução 145/2004**. Brasília: CNAS, 2005.

SILVA, Marta Borba. Usuários. In: FERNANDES, Rosa M. C.; HELLMANN, Aline (orgs.) **Dicionário crítico: política de assistência social no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.



WHAT IF THE STREET SPEAKS?

Abstract

We present the experience of students of Psychology who, through an activity of the discipline of the Faculty IENH, visited the Boca de Rua newspaper of Porto Alegre - RS for a month. The newspaper is made up of homeless people and aims to promote their social visibility, as well as generate resources for its members. Boca de Rua is a powerful tool for social transformation that enables information about their rights and affirmation of their subjective potential. Through this text we seek to report the practical reality of public policies, through the speeches of the members of the newspaper and their position in relation to social inequality and stigmatization to which they are subject.

Keywords

Homeless people; Public policy; Social inequality

¿Y SI LA CALLE HABLARA?

Resumen

Presentamos la experiencia de estudiantes de Psicología que, mediante una actividad de la disciplina de la Facultad IENH, visitaron durante un mes el diario Boca de Rua en Porto Alegre - RS. El periódico está compuesto por personas en situación de calle y tiene como objetivo promover su visibilidad social, así como generar recursos para sus miembros. Boca de Rua es una herramienta poderosa para la transformación social que permite la información sobre sus derechos y la afirmación de su potencial subjetivo. Mediante este texto nosotros buscamos informar la realidad práctica de las políticas públicas, mediante de los discursos de los miembros del periódico y su posición en relación con la desigualdad social y la estigmatización a la que están sujetos.

Palabras clave

personas sin hogar; Políticas públicas; Desigualdad social